

# A REDENÇÃO COMO SUPRESSÃO DO TRÁGICO ENTRE OS ÉDIPOS DE SÓFOCLES

## REDEMPTION AS SUPPRESSION OF THE TRAGIC IN SOPHOCLES' OEDIPUS PLAYS

DANIEL TOLEDO\*

**Resumo:** O propósito maior do artigo é apontar em que medida a redenção final do protagonista do *Édipo em Colono* acarreta a impossibilidade de subsistência de qualquer dos paradigmas trágicos precedentes ao ir de encontro ao clímax construído inicialmente por meio do *Édipo Rei*. Segundo tese a ser aqui defendida, ao ter sua vida consumada pela graça divina, a figura do herói trágico, neste momento crucial, prenuncia uma identificação com aquela noção de *bieros* subjacente à metafísica cristã da *caritas* dissolvendo a *hybris* enquanto elemento essencialmente trágico.

**Palavras-chave:** Édipo; redenção; graça; metafísica.

**Abstract:** The main purpose of the article is to indicate to what extent the final redemption of the protagonist of *Oedipus at Colonus* entails, through its undermining of the climax developed in *Oedipus the King*, the impossibility of sustaining any of the preceding tragic paradigms. According to the thesis to be defended here, the figure of the tragic hero, by having his life consummated by divine grace at the crucial moment, is identified by way of anticipation with the notion of hierarchy which underlies the Christian metaphysics of Caritas, because it removes hybris as an essentially tragic element.

**Keywords:** Oedipus; redemption; grace; metaphysics.

### I

*Édipo em Colono* é a peça de Sófocles que tematiza a consumação do destino de Édipo após sua catástrofe levada à cena final em *Édipo rei*. A transição entre as peças é determinada pela condenação do cego Édipo à condição de exilado errante. Condição da qual por fim será retirado por uma disposição divina, de tal maneira que toda a sua condição inicial seja

---

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: dasilvatoledo@yahoo.com.br.

revertida, ainda que não anulada na medida em que seu passado não pode ser apagado.

De início, é interessante notar que *Édipo rei* se encerra com a recusa resolvida de Édipo acerca de qualquer possibilidade de ser redimido pela divindade. Não obstante, Sófocles, de maneira sutil, parece deixar em aberto essa alternativa:

ÉDIPO: Manda-me embora logo dessa terra, aonde ninguém a mim dirija a voz. CREONTE: Teria sido esse o meu procedimento, não se devesse ouvir o deus primeiro. ÉDIPO: Mas seu pronunciamento foi claríssimo: eliminar o parricida, o impuro. CREONTE: Assim o disse, mas a situação é tal que dele espero a diretriz. ÉDIPO: Por que sondá-lo por um miserável? CREONTE: Uma ocasião de crer no deus terias<sup>1</sup>.

Ao se direcionar para essa possibilidade, efetivada em *Édipo em Colono*, Sófocles fará com que aquele Édipo, outrora tirano, que exigia incansavelmente “uma fundamentação racional para sua existência”<sup>2</sup>, vá, no fim de sua vida, ao encontro da divindade a lhe redimir.

Considerando essa obra em conjunto com a anterior, ela nos lança “a questão de se saber se este final, assim motivado, é ou não é um verdadeiro ponto culminante”<sup>3</sup>. Isto, de certa forma, seria o mesmo que perguntar se estas obras se contradizem ou se complementam. Tentaremos demonstrar que os dois vieses irão se entretecer, apesar de inicialmente isso parecer paradoxal.

Primeiramente, devemos observar que a sequência entre as obras, de fato, traz “a transposição do destino de Édipo para um novo registro”<sup>4</sup>. Essa reformulação acarretará uma mudança radial no próprio estatuto valorativo da personagem. Essa modificação do *status quo* de Édipo resulta, no fundo, da inversão de um movimento entre os dramas, posto que, contemplado agora à luz de sua destinação final, “Édipo não vai da grandeza para a miséria, mas sim da miséria para a grandeza; e inverte-o num plano mais elevado”<sup>5</sup>. Condenado inicialmente em sua dimensão telúrica, devido às suas

<sup>1</sup> SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução e introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 107 [vs. 1436-1445].

<sup>2</sup> KNOX, B. *Édipo em Tebas*. O herói trágico de Sófocles e seu tempo. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 14.

<sup>3</sup> KITTO, H. *A tragédia grega I*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 324.

<sup>4</sup> RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 268.

<sup>5</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 370. Cf. tb. RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, pp. 268, 312 e

contingências frente às disposições que lhe sobrepujam e lhe escapam, o mortal Édipo é, também por um golpe do destino, elevado a uma condição cabal que excede àquelas suas limitações iniciais.

Descrita de maneira um pouco mais detalhada, essa inversão é mediada da seguinte forma: “Quando Édipo chega ao santuário das Eumênides, em território ateniense, lembra-se de antigas palavras de Apolo, que lhe indicavam esse lugar como derradeiro repouso e resolve ficar. Tendo lutado a vida inteira contra a verdade dos oráculos, trata agora de cumpri-los. Submete-se à vontade insondável sem questioná-la. Age como iluminado”<sup>6</sup>. Diante deste quadro, nossa tarefa precípua consiste em investigar em que medida essa inversão do destino de Édipo também influenciaria a nossa compreensão da concepção do trágico em Sófocles, depreendida aqui do primeiro *Édipo*<sup>7</sup>. Consequentemente, nosso desafio repousa sob o propósito de situar a orientação de fundo dessa “inversão” que se consuma neste “plano mais elevado”.

## II

Apesar de o desejo inicial de Édipo ao fim de *Édipo rei* ter sido o de morrer exilado no monte Citerão em virtude do próprio fato de ele ter antes praguejado que o assassino de Laio, ou seja, ele mesmo, deveria levar uma vida miserável entre desgraças, em *Édipo em Colono* se consuma uma inabalável “apoteose de Édipo” que, de fato, nos leva a crer de início que seu “processo de heroicização” é “o único objetivo e propósito do drama”<sup>8</sup>. Entretanto, as forças que conduzirão Édipo ao seu destino final mesmo contra essa sua vontade inicial nos revelarão um propósito de fundo maior.

Ao longo de todo o seu processo de expiação, Édipo passa por uma espécie de “conversão” que em muito atenua sua culpa e até mesmo sua responsabilidade acerca dos crimes de parricídio e incesto por ele perpetrados em *Édipo rei*. Essa também é a percepção de Kitto quanto ao *Leitmotiv*

VERNANT, J. P. ; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008, pp. 67-68, 305.

<sup>6</sup> Donaldo Schüller. In: SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. Tradução do grego e prefácio de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 2010, pp. 14-15; cf. tb. pp. 29, 42 [vs. 87-102].

<sup>7</sup> Para saber como é que para nós essa concepção se integra à visão de mundo sofocliana como um todo, ver TOLEDO, D. *O fundamento trágico da metafísica a partir da ontologia de Heidegger*. A originária correlação histórico-existencial entre tragédia e niilismo. Saarbrücken: NEA, 2015, pp. 309-383.

<sup>8</sup> RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 311.

da segunda peça: “Uma coisa permanece estacionária, a insistência de Édipo em que o que fez não foi pecado”<sup>9</sup>, a tal ponto que, “far-se-á com que este coro retire dele os pormenores mais repulsivos a fim de que a sua inocência possa ser estabelecida à luz mais forte possível”<sup>10</sup>. Num primeiro momento, essa expurgação começa a ser estabelecida por iniciativa do próprio Édipo. É sua própria consciência – aquela mesma que dantes o autoflagelou de maneira impiedosa! – que estabelece para si a sua nova condição de autocomiseração. Essa espécie de “processo de depuração” é levada a termo com a mesma veemência persuasiva que fora empregada para a sua condenação inicial, de uma tal maneira, porém, que agora, ao contrário de outrora, “não tem nada de que se possa censurar; o arrependimento não faz parte, de maneira nenhuma, do quadro”<sup>11</sup>. Por compaixão de si próprio, Édipo isenta a si mesmo de toda aquela carga inicial de responsabilidade que o movera a errar cegamente.

É verdade que, de certa forma, já em *Édipo rei*, Édipo, “também, poderá no momento em que se reconhecer responsável por ter com suas próprias mãos forjado sua desgraça, acusar os deuses de terem tudo preparado e tudo feito”<sup>12</sup>; entretanto, como observa agora Jean-Pierre Vernant, tratava-se então da sustentação do “estatuto ambíguo que lhe é conferido no drama e sobre o qual toda a tragédia está construída”<sup>13</sup>. Ambiguidade que, segundo poder-se-á recordar, em vez de anular sua responsabilidade, a potencializara dramaticamente. Daí ser importante retomar que “no primeiro *Édipo* não há qualquer sugestão de que o fato da ignorância mitigue a poluição”<sup>14</sup>.

De maneira absolutamente contrária, em *Colono*, o próprio Édipo inicia seu processo de absolvição: “Causei a minha desgraça, mas foi involuntariamente. Seja a divindade testemunha de que não sou responsável disso!”<sup>15</sup>

<sup>9</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 366.

<sup>10</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 366. Cf. tb. BONNARD, A. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 296.

<sup>11</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 369.

<sup>12</sup> VERNANT, J.P. ; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 76.

<sup>13</sup> VERNANT, J.P. ; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 77.

<sup>14</sup> LLOYD-JONES, H. *The Justice of Zeus*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 117.

<sup>15</sup> SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 62 [vs. 522-523]. Cf. tb. BONNARD, A. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 299.

Mas não é somente como testemunha que a divindade é evocada no decorrer deste processo, pois, sutilmente, ela é também acusada por Édipo pelos seus atos e por sua decorrente condição: “veríeis que as minhas obras foram mais de outrem do que de mim próprio: disso tenho a certeza. [...]; de sorte que, ainda mesmo que procedesse consciente do meu ato, nem por isso seria criminoso. [...], ao passo que aqueles, de quem tanto dano sofri, me votaram conscientemente à perdição”<sup>16</sup>. Através deste recurso argumentativo, o mortal encontra no seio divino a chance de avançar com o seu processo depurativo diluindo sua culpa na própria disposição celestial. A partir disso, vai ficando cada vez mais nítida a diferença crítica e crucial:

Édipo, em toda a tragédia, nunca dirá que é inocente, que talvez tenha feito algo mas que foi contra a vontade, que quando matou aquele homem, não sabia que se tratava de Laio. Essa defesa ao nível da inocência e da inconsciência nunca é feita pelo personagem de Sófocles em *Édipo-Rei*. Somente em *Édipo em Colono* se verá um Édipo cego e miserável gemer ao longo da peça dizendo: “eu nada podia, os deuses me pegaram em uma armadilha que eu desconhecia”. Em *Édipo-Rei* ele não se defende de maneira alguma ao nível de sua inocência<sup>17</sup>.

Obviamente, o que está em jogo não é a mera atribuição dos atos de parricídio e incesto a Édipo, fatos inconcussos, mas antes a aceitação da responsabilidade pelos mesmos. A questão assim não é se o Édipo em Colono nega ou não os atos praticados pelo Édipo rei, mas se este ainda se sente responsável pelos mesmos atos daquele<sup>18</sup>.

Há de se observar quanto a isso que, sob certo ângulo, também é como se Édipo, ao assegurar para si mesmo as garantias que o redimem através de argumentos lógicos, retomasse à sua condição inicial de senhor da razão. Ele esclarece assim toda a sua condição. Daí a tensão em questão também poder ser colocada ao nível do conhecimento: “Em *Rei-Édipo*, saber trazia aflição. Em *Édipo em Colono*, saber causa bem-estar”<sup>19</sup>. Todavia, o sentimento

<sup>16</sup> SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 49 [vs. 269-280]. Essa convicção de Édipo toma tamanha proporção que ele se arrepende, inclusive, de seu próprio ato autopunitivo! Cf. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 58 [vs. 437-439].

<sup>17</sup> FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003, pp. 41-42.

<sup>18</sup> “Mas para todos os erros está o perdão, em um trono, assentado ao lado de Zeus; esteja ele, pai, também ao teu lado! Os males perpetrados podem reparar-se; impedir, porém, que sejam um fato isso não é possível agora”. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 94 [vs. 1267-1270].

<sup>19</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 377-378.

interno provocado por essa conversão ainda é de amplitude restrita. Isto se evidencia ao se observar que, mais do que simplesmente proporcionar-lhe um bem-estar, “o conhecimento proibido de Édipo passa por uma metamorfose final, de uma maldição novamente para uma benção”<sup>20</sup>. Sua condição de bem aventurado será plenamente confirmada pela derradeira disposição divina prontamente após ser almejada e encetada por sua própria consciência humana.

### III

O conhecimento de si atingido por Édipo mostrar-se-á no fim tão elevado que ele será ratificado em definitivo pelos deuses através de sua redenção final, de tal forma que Sófocles acrescenta essa assunção última de Édipo ao mesmo oráculo que previra a sua derrocada inicial<sup>21</sup>. A partir desta nova perspectiva, Édipo teria passado por sua provação já sabendo de sua redenção. Faz parte de todo o seu esclarecimento também o conhecimento de seu destino final, revelado claramente pelos deuses. Podendo se valer do que sabe a seu favor, desta vez sem risco de ambiguidades, é como se ele agora fosse por completo dono de sua situação, mesmo após sua catástrofe, que de maneira alguma irá se repetir, uma vez que nesta peça não há espaço algum para qualquer possibilidade de frustração dos planos do herói, de tal forma que “a vontade de Édipo atinge a meta cabalmente”<sup>22</sup>. Assim, se não se pode negar que em *Édipo rei* ele também atinge suas metas, que consistiam em descobrir o assassino de Laio e sua própria natureza, devemos recordar que na obra anterior isto acontece através da ironia trágica, isto é, de tal maneira que Édipo é levado a sucumbir por isso. Totalmente ao contrário do que acontece nessa obra, onde neste seu momento derradeiro “já não há oportunidade para a ironia terrível e para a justaposição trágica das primeiras peças; a força dramática que as inventou encontra-se orientada para uma nova finalidade, a de sugerir a estatura quase sobrenatural deste

<sup>20</sup> RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 313. Cf. tb. BONNARD, A. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 296.

<sup>21</sup> Cf. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 42 [vs. 85-98]. Daí não entendermos como se pode crer que aqui não haveria clareza quanto ao “propósito do deus”! EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. *The Cambridge History of Classical Literature. Vol. 1: Greek Literature*. Cambridge: CUP, 2008, p. 309.

<sup>22</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 394.

Édipo<sup>23</sup>. Agora totalmente esclarecido sobre suas circunstâncias de vida, e com o respaldo absoluto dos deuses, ele se justifica de maneira integral e irrevogável. Posição que fica clara através da sua engenhosa defesa final<sup>24</sup>.

Todavia, por mais que Édipo ao longo de toda a peça sustente a sua redenção de uma maneira autorreflexiva, é importante ressaltar que ele só atinge a sua apoteose final por meio de uma graça divina previamente determinada. É dessa forma, ou seja, através do *daímon* grego, que para a efetivação plena deste processo se reúnem sujeito e divindade configurando a justificativa da redenção<sup>25</sup>.

O que nos parece ser o problema mais grave dessa ligação redentora entre a consciência de Édipo e a disposição divina repousa no fato de que ela gera uma harmonia que parece atenuar a precariedade do mortal e dissolver a tensão trágica, posto que chega a parecer destituída dos limites necessários entre divinos e mortais, tão importante para a *hybris*, aqui inexistente, pois no contexto predominante da tragédia grega de até então, “apenas os deuses deteriam a possibilidade desse saber absoluto, pretendido por Édipo, capaz de olhar para dentro de si mesmo, aprender os próprios princípios e determinar a sua própria condição”<sup>26</sup>. Mas de toda forma, isto é, por mais que esse Édipo dessa maneira avance ainda um pouco mais com o processo de subjetivação da instância trágica, os elementos que permitem esse avanço ainda são uma outorga dos deuses, ou seja, fazem parte de uma concessão divina. Consequentemente, não é casual – mas sim em reciprocidade devotada! – que, além do fato de que em *Édipo em Colono* “não há protestos contra a crueldade divina”<sup>27</sup> aqui o herói encerra sua vida venerando

<sup>23</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 348.

<sup>24</sup> Cf. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, pp. 83-84 [vs. 964-999].

<sup>25</sup> Devido a isso, inclusive, a divindade nesta peça é menos ausente. O que também explica o fato de que “em *Édipo em Colono* há muito mais referências à ajuda divina do que nas outras peças, isto porque Édipo, nesta peça, encontra-se em clara ligação com a divindade, convocando-a muitas vezes”. KIRKWOOD, G. M. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994, p. 270.

<sup>26</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 383.

<sup>27</sup> KIRKWOOD, G. M. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994, p. 270. Cf. tb. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 107 [v. 1654].

os deuses. Veneração em retribuição ao vaticínio “que lhe asseguraria uma morte serena, sob a proteção divina”<sup>28</sup>.

#### IV

Segundo Kitto, parece certo que *Édipo em Colono* “foi composta exatamente no fim da longa vida do poeta”<sup>29</sup>. Entendemos que isso não pode ser visto como um mero detalhe biográfico, pois concordamos que realmente “há muitas coisas que tornam significativo para nós o fato de que é justamente com esta obra que Sófocles encerra sua criação literária”<sup>30</sup>. A nosso ver, em sua última peça encontramos a “crença” de Sófocles em sua maior radicalidade<sup>31</sup>. Todavia, essa radicalidade não atinge seu ápice através do aprofundamento de qualquer tensão dramática, mas sim pela supressão quase que total desse recurso tão caro ao gênero trágico:

Em *Édipo em Colono*, porém, tanto o ato cognitivo como a relação com o divino trazem consequências benéficas para Édipo. Os deuses tornaram-se benevolentes. Transparentes e cordiais, conduzem Édipo na incerteza, prometem ajuda para o ato isolado e difícil de morrer. Como entender tal claridade divina, após o aspecto funesto evidente de tragédias anteriores? Nessa obra, o antagonismo cessa de existir. Desce sobre os gregos do céu uma luz, conforme Sófocles, límpida novamente. Não se trata de uma ocorrência extrínseca, ou *ex-machina*, assinalando um intervalo no processo excludente das naturezas. Em vez disso, está presente uma redefinição essencial, ou um recentramento tornando intrínseco o contato com o divino no curso do gesto humano. A transformação se nota amplamente no desenvolvimento da trama, que evolui do âmbito de uma nova partilha natural, capaz de ensejar a felicidade. Os desígnios divinos acerca do destino se dão a conhecer concordes com a vontade humana. Desse modo, tudo o que a sugestão promete se cumpre por completo. Os sentidos não

<sup>28</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 376. Cf. tb. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, pp. 131, 132, 134 [vs. 1655-1665, 1678-1681, 1703-1709].

<sup>29</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 347.

<sup>30</sup> LESKY, A. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 183. Cf. tb. WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Sophocles. An Interpretation*. Cambridge: CUP, 1980, p. 325.

<sup>31</sup> Cf. TOLEDO, D. *O fundamento trágico da metafísica a partir da ontologia de Heidegger*. A originária correlação histórico-existencial entre tragédia e niilismo. Saarbrücken: NEA, 2015, pp. 350-368.



enganam. [...] Como um fecho lógico, a potência divina é apresentada em tipos transparentes e acessíveis<sup>32</sup>.

Ao redelinear dessa forma a relação entre divinos e mortais desprovida de qualquer tensão dramática, devemos observar que é como se Sófocles propusesse uma reformulação radical do trágico até então apreensível na tragédia grega, não porque a fatalidade seja suprimida, pois, como se sabe, isto já ocorrera antes, mas porque, tomada isoladamente, essa peça apresenta uma “redenção” livre de qualquer risco precedente de catástrofe. Como a divindade aqui é responsável pelo cumprimento do destino de Édipo protegido contra qualquer ameaça, em certo sentido parece-nos mesmo que se pode dizer que através dessa espécie de reconfiguração do trágico, conseqüentemente, também “caracteriza-se uma elaboração nova da potência divina. Nos termos em que se dava a estrutura grega do divino, ou seja, como medida, isto significa uma reinvenção de parâmetros”<sup>33</sup>. Mas não somente quanto à disposição divina, posto que, devido à imbricação grega entre o *ethos* e o *daimon*, o próprio gênero trágico como tal, essencialmente devedor da profusão dessa relação, sofre uma ruptura pela ausência do excesso, do descomedimento. Não há restituição ou quebra do equilíbrio entre as forças, mas tão somente um delineamento homogêneo e linear do mesmo.

## V

Enquadrando *Édipo em Colona* na trilogia da qual originariamente faz parte, devemos, de fato, situar a “a mercê divina como solução aos mais pesados males”<sup>34</sup>. A questão é que o processo que conduz a essa benção traz junto a si um redimensionamento dos polos de composição da relação trágica que influencia profundamente no próprio estatuto de tragicidade dessa relação. Sófocles promove aqui uma concepção do divino através da qual “os deuses abandonam o plano distante e autocrático, determinante do conflito trágico, para o de uma atitude franca, cordial e comunicativa que inocenta Édipo, assegurando-lhe a libertação dos seus males”<sup>35</sup>. O próprio elemento

<sup>32</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 383-384.

<sup>33</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 384.

<sup>34</sup> LESKY, A. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 183.

<sup>35</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 388.

da esticomitia entre deuses e mortais, tensão fundamental para a economia dramática do gênero trágico em geral, é suprimido por inteiro. De tal forma que, para a absolvição de Édipo, “não há quer discussão quer julgamento”<sup>36</sup>. Toda aquela condição conflitual e agônica que compunha magistralmente o primeiro *Édipo* é diluída em absoluto. Redirecionamento que, rigorosamente falando, permite a inferência de que “a sua inocência não é um problema que Sófocles esteja preocupado em discutir e julgar; é aceite instintivamente pela inteligência sensível”<sup>37</sup>. Aceitação reportada ao seio divino para que se sustente, ao fundo, certo caráter doutrinário da obra. Prosélito por meio do qual se revela de maneira tacitamente vigorosa aquilo que nos parece ser uma mensagem religiosa que repercute “o argumento de que a virtude sozinha não pode garantir a felicidade, nem a perversidade por si só explica o desastre”<sup>38</sup>.

Visto agora a partir da totalidade de sua saga, o destino de Édipo se consoma na convocação da divindade após ele ressurgir de um mundo que se tornara caótico em virtude do fracasso da tentativa da razão humana em apoiar-se sobre si mesma em resistência aos próprios desígnios divinos. Com isso, parece-nos evidente o encômio de que o fundo caótico de uma existência pretensamente apoiada na razão humana precisa ainda amparar-se em um princípio de ordenação de mundo que lhe transcende. Um mundo que ainda precisa ser ordenado pelos deuses, apesar – e talvez justamente por isso – do grande desenvolvimento de uma consciência individual que, apesar de tudo, neste momento ainda não atingira o desprendimento plenamente autônomo acerca dos deuses tomados como fundamento do ser. Confrontação crucial por revelar a tensão subsistente entre os princípios mítico e metafísico.

## VI

Ainda que sob uma análise integral possamos dizer que a redenção de Édipo decorre tão somente após seu profundo martírio, ou seja, mesmo reconhecendo que “as duas tragédias de Sófocles permitem isolar os momentos opostos e sucessivos do processo de sacralização”<sup>39</sup>, é inegável que, no seio

<sup>36</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 366.

<sup>37</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 367.

<sup>38</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, pp. 366-367.

<sup>39</sup> GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 313.

da divindade, “estes dois momentos encaixam-se um no outro e se superpõem”<sup>40</sup>. Essa conciliação dialética é clara no que tange à luz que a sua síntese lança sobre todo o seu próprio processo de constituição. Por conseguinte, não subsiste, no fim, a colisão entre “irreconciliação enfurecida e transparência espiritual”<sup>41</sup>, ao contrário do que afirma Karl Reinhardt, dado que este segundo elemento predomina de maneira definitiva, tornando conciliáveis os planos telúrico e celeste.

O próprio desfecho da peça, no qual a personagem humana caminha em direção à luz divina que o acolhe, atesta essa espécie de fusão de horizontes. Por isso é também totalmente tacanha a afirmação de que aqui “se dissolve a harmonia entre homem e deus”<sup>42</sup>. O que se dá é absolutamente o contrário! Há claramente um “entendimento preciso que se verifica entre Édipo e os deuses”<sup>43</sup> e é de fato desse acordo que desponta a “lição imprescindível” que “se delineia na caminhada de Édipo, antes de morrer (1518-55)”<sup>44</sup>. Uma conciliação garantida pelo divino de maneira absoluta, posto que o desfecho da peça define o destino de Édipo de forma semelhante àquela que *Der Herr* garantirá a redenção do Fausto na principal obra de Goethe<sup>45</sup>.

<sup>40</sup> GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 313. “Mas parece que Sófocles quer fazer-nos entrever que no coração do universo não há apenas a dura indiferença dos deuses, há também uma clemência, e o homem – o mesmo homem – pode, no curso da vida, encontrar uma e outra”. BONNARD, A. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 301.

<sup>41</sup> REINHARDT, K. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007, p. 219. “Em Édipo em Colona ressoa o tom conciliador com o outro mundo”. NIETZSCHE: *Sämtliche Werke I*, p. 114. Obs.: É digno de nota como o jovem Nietzsche, ao considerar essa peça, exorta, enquadrando-se harmoniosamente em um determinado cenário metafísico, a passividade humana frente à graça divina e “a profunda felicidade humana que nos sobrevém nessa antítese divina da dialética” e que nos permite “uma olhada no abismo que nos apresenta a sagrada natureza”. NIETZSCHE: *Sämtliche Werke I*, p. 66.

<sup>42</sup> REINHARDT, K. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007, p. 247.

<sup>43</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 402.

<sup>44</sup> Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 402.

<sup>45</sup> “Não há nenhuma catarse mais elevada do que o *Édipo em Colono*, onde um criminoso parcialmente culpado, um homem, que, por sua constituição demoníaca, por uma sombria intensidade de sua existência, justamente pela grandeza de seu caráter faz recair sobre suas mãos violências insondáveis, encadeadas de modo implacável, mas inconcebível. Assim, ele atira a si mesmo e aos seus parentes na miséria mais profunda e irremediável, e contudo acaba sendo elevado ao favorecimento divino, sendo conciliador e conciliado, como espírito de

Diante disto, nos parece difícil, para não dizer inviável, nos liberarmos, como recomenda Vidal-Naquet, “dos ranços cristãos” para não considerar a redenção de Édipo uma espécie de “reabilitação moral”<sup>46</sup>. Se Édipo isenta a si próprio de todo o sentimento de culpa que sobre ele recaía e se o veredito final dos deuses concorre em absoluto para essa imunidade de seu espírito, redime-se assim toda a sua vida pregressa. É claro que, para isso, Édipo não reencontra “o estado anterior à mácula” quando se acredita que este estado se restringe à sua mera condição de rei<sup>47</sup>. Entretanto, deve-se observar que o verdadeiro “estado anterior” ao qual ele retorna é, no fundo, o daquele que não deve sofrer pelo que fez.

Também Karl Reinhardt tenta de forma malograda atacar essa perspectiva de ligação com o horizonte cristão pontuando que aqui “não encontra nada de comparável no concerto de vozes divinas, que ao longo das eras e das religiões falaram do céu para aqueles que morrem perdoados por deus”<sup>48</sup>. Mas se insistirmos com o paralelismo, temos de reconhecer, em discordância, que também Édipo, após uma vida miserável, é redimido pelos deuses somente através daquilo que aqui, mesmo ainda em solo grego pré-platônico, poderíamos seguramente chamar de “graça” no puro sentido cristão do termo. Kirkwood também constata essa recorrência, apesar de não aludir explicitamente a qualquer paralelo com a *caritas* em sentido nominalmente cristão: “indicamos que o tema da “graça” desempenha um papel notável em *Édipo em Colono*. A palavra *χάρις* repete-se por toda a peça”<sup>49</sup>. Com isso, o mesmo autor conclui que o desfecho da peça é consumado pela “transcendência”<sup>50</sup> da graça.

Logo, podemos ver que o desfecho de *Édipo em Colono* pode ser empregado para refutar os pareceres de que, “no teatro de Sófocles, pode-se afirmar

---

proteção e benção de uma região, ao qual se fazem sacrifícios”. GOETHE, J. W. *Escritos sobre literatura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 25.

<sup>46</sup> VERNANT, J.P. ; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 306. Cf. tb. BONNARD, A. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 301.

<sup>47</sup> VERNANT, J.P. ; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 306.

<sup>48</sup> REINHARDT, K. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007, p. 248.

<sup>49</sup> KIRKWOOD, G. M. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994, p. 244. Cf. tb. WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Sophocles. An Intepretation*. Cambridge: CUP, 1980, p. 265.

<sup>50</sup> KIRKWOOD, G. M. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994, p. 244.

que a morte, em vez de ser estimada, dá sinal de uma punição divina<sup>51</sup>, que “o ponto culminante lógico da tragédia de Sófocles é a ruína do herói<sup>52</sup>, ou, ainda pior, que “o poeta formula aqui uma lei eternamente válida para o mundo: o poder inviolável dos deuses não deixa para a existência humana nenhum espaço de jogo essencial para a supressão do padecimento<sup>53</sup>. Contrariamente, entendemos que o fato de que Sófocles “observa respeitosamente a ação divina manifestando-se aí e a luta das personagens contra os males que a assediam<sup>54</sup> não pode nos levar a crer que ele sempre assim o faça “sem se preocupar com a conciliação destes dois elementos: o poder sobrenatural e a liberdade do homem<sup>55</sup>. Estes são os tipos de generalizações que reduzem ou desconsideram o ponto crítico que uma análise mais

<sup>51</sup> Respectivamente: Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 399; KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 22 e Norbert Zink. In: SOPHOKLES. *Antigone*. Griechisch/Deutsch. Übersetzung und Nachwort von Norbert Zink. Stuttgart: Reclam, 2005, p. 135. Obs.: dentre estes, a fórmula aristotélica é tão impositiva para Kitto que ele a superpõe aos evidentes desfechos de *Filoctetes* e de *Édipo em Colono*: “Na tragédia de caracteres de Sófocles, a sua validade é absoluta. Aí, a fórmula é que um herói de certo tipo seja colocado em circunstâncias tais que a peça, entre o caráter e as circunstâncias, está destinada a resultar em desastre para o herói”. KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 25.

<sup>52</sup> Respectivamente: Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 399; KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 22 e Norbert Zink. In: SOPHOKLES. *Antigone*. Griechisch/Deutsch. Übersetzung und Nachwort von Norbert Zink. Stuttgart: Reclam, 2005, p. 135. Obs.: dentre estes, a fórmula aristotélica é tão impositiva para Kitto que ele a superpõe aos evidentes desfechos de *Filoctetes* e de *Édipo em Colono*: “Na tragédia de caracteres de Sófocles, a sua validade é absoluta. Aí, a fórmula é que um herói de certo tipo seja colocado em circunstâncias tais que a peça, entre o caráter e as circunstâncias, está destinada a resultar em desastre para o herói”. KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 25.

<sup>53</sup> Respectivamente: Luiz Martins. In: NOVAES, A. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 399; KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 22 e Norbert Zink. In: SOPHOKLES. *Antigone*. Griechisch/Deutsch. Übersetzung und Nachwort von Norbert Zink. Stuttgart: Reclam, 2005, p. 135. Obs.: dentre estes, a fórmula aristotélica é tão impositiva para Kitto que ele a superpõe aos evidentes desfechos de *Filoctetes* e de *Édipo em Colono*: “Na tragédia de caracteres de Sófocles, a sua validade é absoluta. Aí, a fórmula é que um herói de certo tipo seja colocado em circunstâncias tais que a peça, entre o caráter e as circunstâncias, está destinada a resultar em desastre para o herói”. KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 25.

<sup>54</sup> Dias Palmeira. In: SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 13.

<sup>55</sup> Dias Palmeira. In: SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 13.

aprofundada da última peça de Sófocles pode instituir em meio à sua produção espiritual como um todo.

## VII

Mesmo em se tratando de uma tragédia no sentido formal do termo, isto é, mesmo pertencente à produção do gênero trágico arcaico, é muito difícil criar uma definição de tragédia que abarque o *Édipo em Colono* sem afrouxar o termo “tragédia” de uma tal forma que também não relativize em demasia qualquer definição possível da noção de “trágico”<sup>56</sup>. Por outro lado, querer torná-la uma exceção é se recusar a perceber que o horizonte originário da tragédia permite uma profunda relativização de seu próprio sentido dramático.

Grande parte das principais discussões em torno das inúmeras tentativas de se definir o gênero trágico oscila basicamente em torno da problemática se tal gênero deve necessariamente lançar mão da catástrofe do herói ou se bastaria apenas a exposição de conflitos que pudessem levar a isso, ainda que não necessariamente venham a levar em todos os casos. Todavia, em *Édipo em Colono* não há, em primeiro plano, qualquer uma de ambas as tensões possíveis. Conforme apontamos, em momento algum a destinação de Édipo é contestada ou refreada ao ponto de tornar tensa a sua condição. As escassas esticomitias em sentido rigoroso presentes na peça visam claramente a somente servir de móbile impulsionador da afirmação final de Édipo<sup>57</sup>. Logo, além do fato de que, realmente, “não faz parte da idéia dramática que o sofredor, ao aprender a aceitar o castigo com submissão, ganhe a paz”<sup>58</sup>, devemos observar que nesta peça, tomada por si mesma, Édipo sequer sofre.

<sup>56</sup> Na mesma ocasião em que indica que “a época de Sófocles é a da dissolução”, o jovem Nietzsche, a par de sua aguda crítica contra Eurípides, apontara também que “a morte da tragédia” teria se dado “com o *Édipo em Colono*”. NIETZSCHE: *Sämtliche Werke VII*, p. 11.

<sup>57</sup> Mesmo em relação ao conflito com os filhos que o renegaram e que agora disputam a benção de sua morte, “a certeza de que sua adesão ao oráculo, com o apoio das *Eumênidas*, o faria chegar ao fim como benfeitor e lhe permitiria vingar-se dos seus, marca sua posição”. Daisi Malhadas. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *O enigma em Édipo Rei*. E outros estudos de teatro antigo. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte: CNPq/UFMG, 1984 (Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: vol. 5), p. 124; cf. tb. pp. 125, 126; SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 58 [vs. 452-454] e KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 364.

<sup>58</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 368.

Além disso, mesmo nos casos em que a redenção é outorgada aos heróis, o que em geral se tem de maneira predominante é a constituição de uma luta, embate ou entrave – seja entre mortais, entre estes e os deuses ou até mesmo entre os deuses – como clímax que conduz ao derradeiro anticlímax redentor. Todavia, divergindo dessa orientação geral, o que se constata em relação à peça em questão é que “na verdade Édipo termina em paz, mas é uma paz que lhe é concedida e não conquistada por ele próprio”<sup>59</sup>. Uma paz ofertada pelos deuses e acolhida de imediato por Édipo sem qualquer queixa acerca de sua sofrível condição progressiva<sup>60</sup>.

Consequentemente, se devemos aceitar como critério pelo menos a exigência de que “a diferença da dimensão trágica só pode ser apreendida com a análise de conflitos”<sup>61</sup>, então somos forçados a admitir que, na última peça de sua vida, Sófocles abre mão do princípio agonal tão essencial para as tragédias de até então, independente dos desfechos das mesmas, cerradamente trágico ou não. Assim sendo, caso queiramos aplicar este princípio da *éris* para considerar Édipo um personagem trágico, temos que considerar *Édipo em Colona* à luz de *Édipo rei* para incorporar a toda a sua saga aquela catástrofe que foi derradeira tão somente no que tange a esta última tomada de maneira isolada, posto que, inserida como elemento da trilogia, ela se nos revela como mera antítese de um movimento dialético que nos apresenta a redenção final como síntese conclusiva<sup>62</sup>. E isto fundamentalmente porque aquele herói que, após a sua suposta catástrofe, aparentemente havia sido condenado a viver tendo de suportar sua mácula desamparado pelos deuses, é agora, em sua remissão final, conduzido à morte pela divindade.

<sup>59</sup> KITTO, H. *A tragédia grega* II. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 368.

<sup>60</sup> Cf. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, pp. 101, 104 [vs. 1472-1473, 1540-1541].

<sup>61</sup> Daisi Malhadas. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *O enigma em Édipo Rei*. E outros estudos de teatro antigo. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte: CNPq/UFGM, 1984 (Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: vol. 5), p. 119.

<sup>62</sup> Somente assim se poderá concluir que “todos os heróis trágicos de Sófocles sofrem”; desde que não se deixe de observar também que “em *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono* o sofrimento não termina em morte ou desastre”. KIRKWOOD, G. M. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994, pp. 170, 171.

## VIII

Karl Reinhardt se esforçou para tentar encontrar para a transposição de sentido entre a trajetória e o destino final de Édipo um certo *ethos* da poesia sofocliana em geral que pudesse servir de justificativa para uma integração harmoniosa do “Coloneu” a toda sua produção trágica e à própria visão de mundo do poeta:

Pois, em Sófocles, drama significa sempre mais o enigma de uma contradição do ser humano em si mesmo. Desse modo se opõem, de um lado, a existência humana singular na sua restrição e condicionalidade, na auto-referência extraordinária de suas afirmações e negações, e, de outro lado, o entrelaçamento com o destino natal, a violência de abençoar e amaldiçoar para todo o tempo, o ofício de proteger e de combater. Dessa contradição nasce o jogo de forças que sustenta tanto a figura do herói quanto a ação e sem o qual a morte de Édipo não seria matéria alguma para uma tragédia sofocliana<sup>63</sup>.

Todavia, o que nos parece invalidar essa leitura da economia dramática sob análise é a constatação de que essa contradição apontada não se mantém ao fim do processo, desfazendo-se assim as referidas oposições ao se apresentar uma clara solução final para o referido “enigma”.

Já para o padre Dias Palmeiras, por sua vez, toda a possibilidade de dramatização presente na peça repousaria na imposição do destino ditado pelos deuses independente da anuência do herói. O que, segundo ele, denotaria o gênio sofocliano em relação ao estatuto humano frente àquilo que responderia pela própria afirmação da religiosidade do poeta grego:

sua idéia fundamental fica sempre a mesma: a inconstância da felicidade humana e a impotência do homem contra o destino. Em nenhuma parte se mostra tão evidentemente, como aqui, a nulidade do seu esforço contra a vontade suprema; e Sófocles, reconhecendo essa vontade, não ousou, ao compor esta peça, entretecer-lhe nenhum sentimento de revolta. Para ele acima do homem estão os deuses, que dispõem de tudo, conforme lhes apraz. Desta maneira, criou a “tragédia fatalista” por excelência, em que seria descabido falar de uma culpa<sup>64</sup>.

<sup>63</sup> REINHARDT, K. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007, p. 219. Obs.: nas demais vezes em que tenta encontrar alguma outra dramaticidade mais concreta no *Édipo em Colono*, este renomado estudioso infelizmente não consegue deixar de ser vago em suas interpretações! Cf. REINHARDT, K. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007, pp. 243-244.

<sup>64</sup> In: SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, pp. 26-27.



Ora, como pode ser classificada de “fatalista” uma “tragédia” cujo desfecho caracteriza-se por uma determinação divina que vai “ao encontro” daquilo que desde o início mostrou-se ser também da vontade humana? A conciliação que se consuma no *Édipo em Colona* não se dá pela aproximação de duas vontades antagônicas, e sim, pelo contrário, pela integração plena entre duas disposições em comum.

De toda forma, devemos observar que ambas as leituras apresentadas precisam recorrer, seja de maneira vaga, como no primeiro caso, ou implícita, como no segundo, ao *Édipo rei*. Além disso, essa tal “imposição” pode também ser vista *cum grano salis*, pois em momento algum o Édipo em Colono cogita contestar ou mesmo colocar à prova a sua salvação, assumindo de *per si* por direito em absoluto a sua absolvição. Assim, mesmo que de um modo geral possa ser encontrada uma maneira de enquadrar *Édipo em Colono* no horizonte trágico a partir de sua inserção no jogo das duas peças edípicas, tomada isoladamente, não podemos deixar de apontar que através dela o poeta, de maneira vigorosa, lança mão de um forte componente teológico no sentido estrito da metafísica futura: a redenção pela graça divina.

## IX

A chave de compreensão apresentada aqui se constituiu por meio do apontamento da supressão da condição trágica decorrente da inversão do estatuto do herói levada ao palco através da sequência entre os *Édipos* de Sófocles. A síntese do movimento que sustenta essa perspectiva pode ser entrevista dentro de um certo processo dialético, posto que a afirmação final do mortal repousa na negação de sua condição originária:

A Teseu, que estranha sua preocupação apenas com o fim da vida, parecendo esquecer-se ou nada considerar dos outros momentos, responde que o instante final abrange, sintetiza os outros (Versos 583/585). Esse momento, em Colono, faz a unidade de sua vida. Antes com seu conhecimento enganoso, apoiado na inteligência, Édipo era múltiplo. Salvador de Tebas, porque com sua inteligência decifrara o enigma da Esfinge, era também seu danificador, como revelara o conhecimento misterioso. Agora, aderindo ao oráculo, ele se torna uno: é apenas salvador<sup>65</sup>.

<sup>65</sup> Daisi Malhadas. In: BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *O enigma em Édipo Rei*. E outros estudos de teatro antigo. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte: CNPq/UFGM, 1984 (Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: vol. 5), p. 125.

O contraditório se desfaz. A *hybris* é desconsiderada. Consequentemente, se projetarmos essa peça à condição exponencial de corolário do teatro sofocliano, o *logos* que se depreende do poeta recolhe-se também na mesma proposição sintética condensada pela trajetória de vida daquele que parece poder ser postulado como o seu herói maior: “Em Sófocles, o homem cai em desgraça seguindo o caminho que os deuses lhe traçaram. Dessa forma a infelicidade não é um castigo, mas alguma coisa por meio da qual o homem é consagrado, é levado a tornar-se um personagem sagrado. Idealidade da infelicidade. [...] A essência da tragédia é definida, por ele, como transfiguração do sofrimento, e o sofrimento é compreendido como alguma coisa de santificante”<sup>66</sup>. O problema é que, para imputar essa orientação de fundo à visão de mundo do poeta como um todo, temos de desconsiderar alguns dos seus dramas não tão menos expressivos, como *Ájax* e, principalmente, *Antígona*.

De toda forma, também a nós parece, neste momento, ser inegável que o *pathos* que se evidencia nessa obra derradeira revela significativa proximidade com o horizonte cristão que se prenuncia por meio da misericórdia divina, pois, por mais que tenhamos cuidado em não negar que o sofrimento fora crucial para a redenção do mortal, também não podemos deixar de reconhecer agora que este elemento subordina-se a uma determinada ordenação da realidade projetada através de uma dinâmica de transcendência por meio da qual a afirmação dessa elevação deve apoiar-se na negação da própria condição da qual parte. Daí termos, ao fim, de concordar com o seguinte:

A piedade e a pureza não são o todo da misteriosa configuração da vida, como o destino de Édipo mostra, mas são uma parte importante dela e até isto a doutrina do caos negaria. O esquema pode cortar cruelmente através da vida do indivíduo, mas pelo menos sabemos que existe e temos a certeza de que a piedade e a pureza são uma grande parte dele. Todos os pormenores de *Rei Édipo* são imaginados a fim de fazer valer a fé de Sófocles neste λόγος subjacente; eis a razão porque é verdade afirmar-se que a perfeição da sua forma implica uma ordem do mundo.<sup>67</sup>

<sup>66</sup> Rosa Dias. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (org.). *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Unijuí, 2003, pp. 182-183.

<sup>67</sup> KITTO, H. *A tragédia grega I*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, pp. 263-264. Também o jovem Nietzsche já percebera que através desta “solução dialética” Sófocles nesta peça teria apresentado Édipo como um “nobre homem” justamente quando permitiu que, “no fim, através de seu sofrimento extraordinário, se exercesse em torno dele uma abençoada força mágica que se mantém efetiva mesmo depois de seu falecimento. O homem nobre não

Direcionada dessa forma para a redenção de Édipo, o que se configura com *Édipo em Colona* é o prenúncio de uma relação do homem com a divindade marcada pelo perdão gratuito<sup>68</sup>. Ainda que não explicita um encômio à divindade, a obra guardaria assim forte componente doutrinário ao deixar transparecer o prosélito de que, já mesmo em meio ao panteão olímpiano, “os deuses também conhecem a misericórdia”<sup>69</sup>.

Com isto, lançando luz sobre toda a saga, de maneira retroativa, esta peça nos passa a seguinte mensagem derradeira: ao tentar, por si mesmo, opor-se aos desígnios divinos, Édipo sucumbe, mas não de maneira definitiva, uma vez que lhe ficará resguardada, pela graça dos deuses, a oportunidade de sua redenção através de sua resignação ao destino escolhido pelos deuses, para que somente então possamos reconhecer, de maneira definitiva, que “o que aconteceu é que a adversidade não esmagou Édipo”<sup>70</sup>. E assim não o fez em virtude de uma derradeira disposição divina que decidiu por acolher não a súplica daquele Édipo que chegara a condenar a si próprio por suas ações, e sim a daquele que se redime por meio da conversão de sua consciência acerca de sua própria condição, dantes de errante, posteriormente de abençoado. Por conseguinte, a conclusão mais adequada nos parece ser mesmo a de que “o tema do guia divino constitui um eixo intertextual decisivo no âmbito do ciclo de Édipo como um todo”<sup>71</sup>. Pois mesmo – e justamente quando – se despe de toda culpa, imputando a razão de seus atos infames aos desígnios divinos, Édipo não se opõe aos deuses por terem-lhe feito passar por tudo isso, conquistando assim a graça plena.

O prosélito contido é o de que os atos humanos, tão vis quanto possam ser, podem ser justificados caso tenham acolhimento no plano divino, independente daquilo que no plano telúrico se defina por “justiça”<sup>72</sup>. Não

---

peça, quer nos dizer o perspicaz poeta: através de sua ação toda lei, toda ordem natural e o mundo moral podem sucumbir, mas mesmo através dessa ação se eleva um círculo mágico de realizações que podem fundar um novo mundo sobre as ruínas do velho mundo derrubado. Isso é o que o poeta quer nos dizer na medida em que ele é também um pensador religioso”. NIETZSCHE: *Sämtliche Werke I*, pp. 65-66.

<sup>68</sup> “A peça é religiosa no sentido de retratar a resignação, conselhos mais sensatos ou a submissão à vontade misteriosa do alto”. KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, pp. 367-368.

<sup>69</sup> LESKY, A. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 181.

<sup>70</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 368.

<sup>71</sup> RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 319.

<sup>72</sup> Cf. SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 55 [v. 394].

só justificados como até recompensados, uma vez que Édipo, em virtude da “recompensa que lhe foi dada pelos deuses”<sup>73</sup> termina com um poder maior, o espiritual, do que aquele que levava ao seu declínio, o poder terreno.

Entrementes, não podemos concluir sem deixar de ressaltar que, para sustentar sua posição de maneira tão radical, Sófocles teve de encetar certa quebra na ideia trágica vigente até então, pois agora, como bem observa Paul Ricoeur, a morte, mesmo consumada, não só “é subtraída à ira de Deus”<sup>74</sup>, como se torna “o sacramento”. Isso porque aqui, além de redimido e agraciado, o herói é elevado<sup>75</sup>. O que, curiosamente, visa inegavelmente a reverter o sentido da vida de Édipo através do fato de que, “ao final, ele terá assumido na realidade a condição divina que ele havia indevidamente arrogado para si”<sup>76</sup>. Mas na medida em que essa assunção se efetiva com a anuência plena dos deuses, ela ao mesmo tempo pode ser denunciada como responsável por uma certa relativização do horizonte trágico, posto que revoga a *hybris*, condição essencial para a tragédia em geral. E para que essa perspectiva se afirmasse, foi necessária uma supressão do sentido dramático construído até o clímax de *Édipo rei* e que em *Édipo em Colono* se desfaz na constituição de um clímax inverso:

no momento da morte, o sofrimento de Édipo é transfigurado na oferta de um poder mágico de benção: um novo mundo fundado sobre as ruínas do velho. Da vida para a morte, da morte para a vida: Édipo realiza uma travessia feliz. É essa travessia que o coro canta no último canto de *Édipo em Colono*. Diante do horror da morte, olhando nos olhos de Perséfone, Hades e Cérbero, o coro roga para que Édipo realize uma boa passagem, que sua travessia seja serena, livre e aberta<sup>77</sup>.

<sup>73</sup> KITTO, H. *A tragédia grega II*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 370. Cf. tb. SÓFOCLES: *Édipo em Colono*, p. 112 [vs. 1752-1753]. Obs.: a profecia divina determinava que a morte de Édipo traria bênçãos para a cidade que lhe acolhesse em seu fim.

<sup>74</sup> RICOEUR, P. *Leituras 3*. Nas fronteiras da filosofia. São Paulo: Loyola, 1996, p. 126.

<sup>75</sup> Um renomado helenista, inclusive, chamou a atenção para o fato de como aqui a própria noção de “herói” é substancializada: “ele será, deve-se dizer, um *beros*, um daqueles tipos de seres intermediários entre deuses e homens, aos quais a adoração era comum em toda a Grécia e dos quais muitos teriam, de fato, tornado-se grandes figuras míticas ao receberem, após a morte, um estatuto especial correspondente ao poder excepcional ostentado em vida”. WINNINGTON-INGRAM, R. P. *Sophocles. An Interpretation*. Cambridge: CUP, 1980, p. 254; cf. tb. p. 264.

<sup>76</sup> RUDNYTSKY, P. L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 312.

<sup>77</sup> SALLIS, J. *Crossings. Nietzsche and the Space of Tragedy*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991, pp. 81-82.

Uma travessia que se desdobrará ao longo da metafísica futura. Mas antes disso, entendemos que, ao invés de ser considerada uma tragédia dramática – termo talvez agora ainda menos redundante! – *Édipo em Colono* deva, na verdade, ser apreciada como uma narrativa consoladora que, em vez de propor uma visão trágica de mundo em sentido estrito, configura-se, no fundo, muito mais como “a resposta de Sófocles à tragédia da vida”<sup>78</sup>. Uma réplica dissonante ao abismo de sentido que abre para o desvelamento da condição essencialmente trágica do mortal. Resposta através da qual claro deve estar que, finalmente, “agora Sófocles acredita que os deuses são justos”<sup>79</sup>. Mesmo, e sobretudo, quando dessa justiça dependa o mortal, ainda que ela deste não dependa. “Pois não posso afirmar que algum decreto dos deuses seja baldado. O tempo vela, vela sobre eles; e ora dissipa uns males, ora acrescenta outros, no dia seguinte”<sup>80</sup>.

[Recebido em setembro/2018; Aceito em outubro/2018]

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, Vânia Dutra de (org.). *Encontros Nietzsche*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- BONNARD, André. *A civilização grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). *O enigma em Édipo Rei*. E outros estudos de teatro antigo. Anais do I Congresso Nacional de Estudos Clássicos. Belo Horizonte: CNPq/UFMG, 1984 (Publicações do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: vol. 5).
- EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. *The Cambridge History of Classical Literature. Vol. 1: Greek Literature*. Cambridge: CUP, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GOETHE, Johann W. *Escritos sobre literatura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- KIRKWOOD, Gordon MacDonald. *A Study of Sophoclean Drama*. New York: Cornell University Press, 1994.
- KITTO, H. *A tragédia grega*. Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972.

<sup>78</sup> KITTO, H. *A tragédia grega*. II Estudo literário. 2 vols. Coimbra: Arménio Amado, 1972, p. 370. “Pelas muitas desgraças que sem culpa lhe sobrevieram, eleve-o de novo a divindade justa!” SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 104 [vs. 1565-1566].

<sup>79</sup> LLOYD-JONES, H. *The Justice of Zeus*. Berkeley: University of California Press, 1983, p. 128. Exortação essa, segundo já tentamos demonstrar em outra ocasião, nem tão inusitada ao horizonte da tragédia grega em seu todo! Cf. TOLEDO, D. *O fundamento trágico da metafísica a partir da ontologia de Heidegger*. A originária correlação histórico-existencial entre tragédia e niilismo. Saarbrücken: NEA, 2015, pp. 255-523.

<sup>80</sup> SÓFOCLES. *Édipo em Colono*, p. 100 [vs. 1451-1455].

- KNOX, Bernard. *Édipo em Tebas*. O herói trágico de Sófocles e seu tempo. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LESKY, Albin. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LLOYD-JONES, Hugh. *The Justice of Zeus*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe in 15 Bänden. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: de Gruyter, 1999.
- NOVAES, Adauto (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- REINHARDT, Karl. *Sófocles*. Brasília: UnB, 2007.
- RIKOEUR, Paul. *Leituras 3*. Nas fronteiras da filosofia. São Paulo: Loyola, 1996.
- RUDNYTSKY, Peter L. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SALLIS, John. *Crossings*. Nietzsche and the Space of Tragedy. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.
- SÓFOCLES. *Édipo em Colono*. Tradução do grego e prefácio de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Édipo em Colono*. Tradução e introdução de Padre Dias Palmeira. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Édipo Rei*. Tradução e introdução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SOPHOKLES. *Antigone*. Griechisch/Deutsch. Übersetzung und Nachwort von Norbert Zink. Stuttgart: Reclam, 2005.
- TOLEDO, Daniel. *O fundamento trágico da metafísica a partir da ontologia de Heidegger*. A originária correlação histórico-existencial entre tragédia e nihilismo. Saarbrücken: NEA, 2015.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- WINNINGTON-INGRAM, Reginald Pepys. *Sophocles*. An Interpretation. Cambridge: CUP, 1980.